

O Livro dos Médiuns



Allan Kardec

PARTE II – CAPÍTULO XXI
Influência do meio

Índice

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXI)

Assunto	Origem	Pagina
01. Influência do meio	O Livro dos Médiuns	03
Cairbar e a necessidade do estudo	Consolador	05
Temas da vida e da morte	O Consolador	07

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXI)

Parte II – Das manifestações Espíritas.

Capítulo XXI – Influência do meio

1. Influência do meio

231. 1ª O meio em que se acha o médium exerce alguma influência nas manifestações?

“Todos os Espíritos que cercam o médium o auxiliam, para o bem ou para o mal.”

2ª Não podem os Espíritos superiores triunfar da má vontade do Espírito encarnado que lhes serve de intérprete e dos que o cercam?

“Podem, quando julgam conveniente e conforme a intenção da pessoa que a eles se dirige. Já o dissemos: os Espíritos mais elevados se comunicam, às vezes, por uma graça especial, malgrado à imperfeição do médium e do meio, mas, então, estes se conservam completamente estranhos ao fato.”

3ª Os Espíritos superiores procuram encaminhar para uma corrente de idéias sérias as reuniões fúteis?

“Os Espíritos superiores não vão às reuniões onde sabem que a presença deles é inútil. Nos meios pouco instruídos, mas onde há sinceridade, de boa mente vamos, ainda mesmo que aí só instrumentos medíocres encontremos. Não vamos, porém, aos meios instruídos onde domina a ironia. Em tais meios, é necessário se fale aos ouvidos e aos olhos: esse o papel dos Espíritos batedores e zombeteiros. Convém que aqueles que se orgulham da sua ciência sejam humilhados pelos Espíritos menos instruídos e menos adiantados.”

4ª Aos Espíritos inferiores é interdito o acesso às reuniões sérias?

“Não, algumas vezes lhes é permitido assistir a elas, a fim de aproveitarem os ensinamentos que vos são dados; mas, conservam-se silenciosos, como estouvados numa assembleia de gente ponderada.”

232. Fora erro acreditar alguém que precisa ser médium, para atrair a si os seres do mundo invisível. Eles povoam o espaço; temo-los incessantemente em torno de nós, ao nosso lado, vendo-nos, observando-nos, intervindo em nossas reuniões, seguindo-nos, ou evitando-nos, conforme os atraímos ou repelimos. A faculdade mediúnica em nada influi para isto: ela mais não é do que um meio de comunicação. De acordo com o que dissemos acerca das causas de simpatia ou antipatia dos Espíritos, facilmente se compreenderá que devemos estar cercados daqueles que têm afinidade com o nosso próprio Espírito, conforme é este graduado, ou degradado. Consideremos agora o estado moral do nosso planeta e compreenderemos de que gênero devem ser os que predominam entre os Espíritos errantes. Se tomarmos cada povo em particular, poderemos, pelo caráter dominante dos habitantes, pelas suas preocupações, seus sentimentos mais ou menos morais e humanitários, dizer de que ordem são os Espíritos que de preferência se reúnem no seio dele.

Partindo deste princípio, suponhamos uma reunião de homens levianos, inconsequentes, ocupados com seus prazeres; quais serão os Espíritos que preferentemente os cercarão? Não serão de certo Espíritos superiores, do mesmo modo que não seriam os nossos sábios e filósofos os que iriam, passar o seu tempo em semelhante lugar. Assim, onde quer que haja uma reunião de homens, há igualmente em torno deles uma assembleia oculta, que simpatiza com suas qualidades ou com seus defeitos, feita abstração completa de toda idéia de evocação. Admitamos agora que tais homens tenham a possibilidade de se comunicar com os seres do mundo invisível, por meio de um intérprete, isto é, por um médium; quais serão os que lhes responderão ao chamado? Evidentemente, os que os estão rodeando de muito perto, à espreita de uma ocasião para se comunicarem. Se, numa assembleia fútil, chamarem um Espírito superior, este poderá vir

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXI)

e até proferir algumas palavras ponderosas, como um bom pastor que acode ao chamamento de suas ovelhas desgarradas. Porém, desde que não se veja compreendido, nem ouvido, retira-se, como em seu lugar o faria qualquer de nós, ficando os outros com o campo livre.

233. Nem sempre basta que uma assembleia seja séria, para receber comunicações de ordem elevada. Há pessoas que nunca riem e cujo coração, nem por isso, é puro. Ora, o coração, sobretudo, é que atrai os bons Espíritos. Nenhuma condição moral exclui as comunicações espíritas; os que, porém, estão em más condições, esses se comunicam com os que lhes são semelhantes, os quais não deixam de enganar e de lisonjear os preconceitos.

Por aí se vê a influência enorme que o meio exerce sobre a natureza das manifestações inteligentes. Essa influência, entretanto, não se exerce como o pretenderam algumas pessoas, quando ainda se não conhecia o mundo dos Espíritos, qual se conhece hoje, e antes que experiências mais concludentes houvessem esclarecido as dúvidas. Quando as comunicações concordam com a opinião dos assistentes, não é que essa opinião se reflita no Espírito do médium, como num espelho; é que com os assistentes estão Espíritos que lhes são simpáticos, para o bem, tanto quanto para o mal, e que abundam nos seus modos de ver. Prova-o o fato de que, se tiverdes a força de atrair outros Espíritos, que não os que vos cercam, o mesmo médium usará de linguagem absolutamente diversa e dirá coisas muito distanciadas das vossas idéias e das vossas convicções.

Em resumo: as condições do meio serão tanto melhores, quanto mais homogeneidade houver para o bem, mais sentimentos puros e elevados, mais desejo sincero de instrução, sem idéias preconcebidas.

Editorial

214 – 19/06/2011

O Consolador

I. Influência do meio

Cairbar e a necessidade do estudo

As obras de autoria de Cairbar Schutel, que desencarnou no mês de janeiro de 1938, já pertencem, desde janeiro de 2009, ao domínio público e podem, portanto, nos termos do art. 41 da Lei n. 9.610, de 19/2/1998, ser publicadas por qualquer editora que se disponha a essa tarefa. Os livros de Cairbar são, sem exceção, importantes e merecem uma maior atenção da parte de todos nós que militamos na imprensa ou nas casas espíritas.

Schutel não se destacou apenas por sua dedicação ao bem ou à divulgação da doutrina espírita. Seu apreço pelo estudo do Espiritismo ressalta de várias de suas obras, como, por exemplo, podemos ver no livro “Médiuns e Mediunidade”, do qual extraímos cinco pontos que interessam de perto a todas as pessoas que se dedicam à mediunidade.

Ei-los:

Influência do meio sobre a reunião mediúnica – Lembra Cairbar, na obra mencionada, que as comunicações com os Espíritos exigem muito recato, muito respeito, muita civilidade e muito recolhimento. (Médiuns e Mediunidade, pp. 73 e 74.)

O meio exerce ação considerável para o bom êxito das sessões e até Jesus tinha especial cuidado com isso.

No conhecido episódio do monte Tabor, o Mestre se fez acompanhar de três apóstolos somente. Em Betsaida (Marcos (8:22), conduziu o cego fora da aldeia antes de curá-lo. Fato idêntico ocorreu com o homem surdo e gago, que Jesus tirou da multidão e atendeu à parte (Marcos, 7:32), e com a filha de Jairo (Mateus, 9:18), a quem ele curou dentro de um aposento isolado da curiosidade alheia.

Apelo à privacidade das sessões mediúnicas – As sessões práticas devem ser privativas, com número reduzido de assistentes convencionados e assíduos, porque elementos estranhos prejudicam o resultado dos trabalhos. (Obra citada, pp. 53 e 72.)

Não se concebe, pois, a realização de sessões mediúnicas públicas, com portas abertas, sem circunspeção e critério exigidos para a prática mediúnica, algo que ainda se vê em muitas Casas Espíritas, sem nenhum motivo que o possa justificar.

O que compete aos médiuns observar – Primeiramente – ensinava Cairbar – os médiuns devem estudar, porque o estudo preparatório dos que se dedicam às sessões mediúnicas é indispensável ao exercício da mediunidade. (Obra citada, pp. 75 e 76.)

Os médiuns necessitam ter, ainda, muita persistência, muita paciência, muita perseverança nas reuniões e nos estudos, para melhor se relacionarem com o mundo invisível.

Orientação a doutrinadores e esclarecedores – Antecipando-se ao que modernamente se sabe sobre o assunto, Cairbar recomendava já em sua época, no atendimento aos comunicantes desencarnados: “Convém deixar o Espírito comunicante falar”. (Obra citada, p. 53.)

Ele sabia, então, que a chamada doutrinação ou esclarecimento dos Espíritos equivale, no plano material, ao atendimento fraterno, em que o atendente mais ouve do que fala, possibilitando assim ao atendido dar ampla vazão aos sentimentos muitas vezes represados pelas condições do ambiente em que vive.

Condições do ambiente das sessões mediúnicas – As sessões mediúnicas – recomenda Cairbar – requerem um ambiente de semiobscuridade ou iluminado com uma lâmpada vermelha de luz fraca. (Obra citada, p. 51.)

Ele fazia, assim, uma recomendação que André Luiz iria, fazer várias décadas mais tarde, em seu livro “Desobsessão”, psicografado em 1964.

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXI)

A preocupação com o estudo e a pesquisa não se limitou, no entanto, à obra mencionada, porque seria de novo enfatizada em um de seus livros mais importantes – “A Vida no Outro Mundo”, em que Cairbar nos apresenta, na parte final, esta importante e atualíssima mensagem:

“O túmulo não é o ponto final da existência.

Nosso destino é grandioso.

Existem mundos de luz, onde reina a verdade; mundos que serão nossas futuras moradas!

Assim como o progresso caracteriza perfeitamente a evolução gradativa do nosso planeta, que será um dia paraíso terrenal, assim também essa Lei inflexível, que rege os mundos que se balouçam no Éter, nos prepara moradas felizes, dispersas na Casa de Deus, que é o Cosmo infinito.

Tenhamos fé e estudemos!

Ignoramos? Progridamos! Porque do estudo e da pesquisa vem a verdade que esclarece a inteligência, e, desta, a evolução espiritual, que nos guinda às alturas, para compreendermos as coisas do Espírito, coisas que Deus reserva para todos os que procuram crescer no Seu conhecimento e na Sua graça.

Que as luzes da caridade, que vamos conquistando, nos ilumine toda a Ciência, toda a Religião, toda a Filosofia, para podermos, com justos títulos, observar as magnificências do Universo e científicarmo-nos da imortalidade e da Eternidade da Vida.” (“A Vida no Outro Mundo”, pág. 126.)

81. O médium recebe sempre o apoio dos Protetores espirituais.

Apesar de toda essa pugna, a conduta e a dedicação do médium atraem a assídua assistência do seu Espírito guia, que o encoraja e o fortalece, inspirando-o à perseverança e à continuidade no trabalho nobre, informando-o a respeito do que lhe está reservado caso venha a sair-se vitorioso do empreendimento abraçado.

Explica-lhe que tal sucede em razão da sua necessidade de evolução, o que lhe constitui rara oportunidade de progresso que não deve ser postergada. Por outro lado, os Protetores daqueles a quem ele ajuda e assiste vêm em seu apoio, movidos pela simpatia e gratidão ao seu empenho fraternal em favor dos seus pupilos.

Além disso, os que são consolados e esclarecidos pela sua faculdade mediúnica, e recuperam a paz íntima, se lhes vinculam, aumentando o grupo de amigos vigilantes que passam a amá-lo. De igual modo, os inspiradores das grandes causas e Guias da Humanidade, reconhecidos ao seu esforço pelo progresso geral, acodem-no nos momentos cruciais e definidores da sua existência terrena, influenciando nas decisões em favor dos futuros cometimentos que lhe cumpre executar. Porque a dor o macera e os testemunhos o visitam, nesse calvário silencioso, há sempre uma ressurreição luminosa a cada morte íntima, a cada abnegação, propiciada pelos Construtores da felicidade eterna, que jamais deixam os homens, especialmente aqueles que lhes compartilham as elevadas aspirações, sem o competente apoio e amparo.

As concessões de paz íntima e de bem-estar, passado o primeiro período do exercício mediúnico, o de provas, são infinitamente maiores e mais compensadoras se fazem, a tal ponto que levam o mediano a anelar por mais esforço e dedicação, de modo a poder fruir mais intensamente essas emoções.

(Calvário de Luz, pp. 139 e 140.)

82. O calvário dos médiuns é todo de luz e amor

Qualquer pessoa afeiçoada à verdade e ao amor, ao trabalho e à caridade, ao heroísmo e à abnegação, conhece esses momentos de elevação íntima e de vibração indefinível que chegam após as lutas, quando passam a comungar com as Esferas Superiores.

Razões possui o médium para porfiar e dedicar-se aos rígidos deveres espirituais, jamais se furtando ao auxílio aos sofredores de ambos os lados da vida, e banindo da mente a presunção de que não deve vincular-se aos que padecem na Erraticidade porque a sua faculdade estaria destinada a altos cometimentos e missões especiais na Terra.

Essa vaidade é responsável pelo fracasso de muitos medianeiros invigilantes, que pretendem regime de conduta especial, acreditando-se adrede preparados para relacionamentos interplanetários, com Espíritos mestres e Guias das regiões sublimes e escusando-se aos labores do doutrinamento e desobsessão, em cujas faixas se movimentam os desencarnados infelizes. A fascinação os entorpece, anulando-lhes os sentimentos de amor e de caridade, ao mesmo tempo empurrando-os para as subjugações terríveis e os fanatismos lamentáveis.

Quem desejar o acume da montanha terá que transitar pelo sopé onde lhe repousam as estruturas de sustentação. Jesus, que na Terra exerceu a função de Médium de Deus e com seu pensamento mantinha constante identificação, jamais se escusava de atender à infelicidade e ao sofrimento de qualquer procedência: manteve diálogo libertador com os Espíritos malévolos que obsidiavam o gadareno, com os que levavam a crises epiléticas o jovem lunático, com os que perturbaram moral e mentalmente a obsessa de Magdala; enfim, atendeu aos enfermos do corpo e aos enfermos da alma que somos quase todos, e prossegue, tanto tempo após a sua estada em nosso meio, sem nos abandonar por um momento sequer.

A Terra é estância de provas e de purificação, e a mediunidade de aqui se encontra para atender à alta finalidade de auxiliar e socorrer os que sofrem, confirmando a imortalidade da alma e

O Livro dos Médiuns – (Parte II – Capítulo XXI)

preparando o advento da Nova Era que se aproxima, quando o mal baterá definitivamente em retirada. O calvário dos médiuns é, pois, todo assinalado de luz e de amor. (Calvário de Luz, pp. 140 e 141.)

83. A influência do meio é grande nos fenômenos mediúnicos

O meio ambiente exerce insuspeitadas predisposições e efeitos nos seres vivos, alterando-lhes a constituição ou preservando-a.

Embora o meio sociocultural seja consequência da ação do homem, torna-se-lhe fator de vigorosos efeitos no comportamento, o que tem levado muitas pessoas a concluir “que o homem é o produto do meio”, salvo, naturalmente, as inevitáveis exceções.

É compreensível, pois, que a influência do meio moral e emocional seja prevalente nos fenômenos mediúnicos.

Além da influência do médium, em decorrência de seus componentes íntimos, o psiquismo do Grupo responde por grande número de resultados nos cometimentos da mediunidade.

Do ponto de vista moral, os membros que constituem o Núcleo atraem, por afinidade, os Espíritos que lhes são semelhantes, em razão da convivência mental já existente entre eles.

Onde quer que se apresentem os indivíduos, aí também estarão seus consócios espirituais. A simples mudança de lugar por pessoa não altera o tipo das companhias que a assessoram.

De igual modo, o caráter da experiência mediúnica e a seriedade ou interesse frívolo que lhe é dedicado produzem natural intercâmbio com Entidades equivalentes.

Daí não se ter o direito de transferir para o médium a responsabilidade total pela ação exercida pelos Espíritos, assim como pela qualidade moral e cultural dos que por ele se comunicam.

O médium é um indivíduo sensível a determinadas influências do Mundo Espiritual, ao mesmo tempo receptivo a certas ondas mentais que procedem dos homens, e, não raro, produzem fenômenos de telepatia, com correspondente resposta anímica aos apelos vigorosos ou aos impulsos determinações que lhe são dirigidos.

(Influência do meio e do médium, pp. 143 e 144.)

84. As intenções doentias do médium afastam os Espíritos dignos

De bom alvitre, pois, que todo aquele que pretende exercer a mediunidade, estude e exercite os seus recursos de captação e registro, sem precipitação nem vaidade, considerando-se sempre como sendo instrumento frágil e vulnerável, a requisitar cuidados contínuos e constante disciplina. A ansiedade, a agitação nervosa ou estado depressivo e as intenções doentias do médium produzem-lhe bloqueios compreensíveis, afastando da sua companhia os Espíritos dignos, que deixam o lugar aos inescrupulosos e vadios, sempre interessados em prejudicar e gerar desconforto, dando curso à conduta a que se acostumaram na Terra...

O hábito de interiorização deve, além disso, constituir a forma eficaz para que o médium anule as interferências estranhas e insistentes que buscam penetrar na sua tela mental com o propósito de predominar em relação à influência dos desencarnados.

As leituras salutares, o cultivo dos bons e nobres sentimentos, as ações de benemerência e vinculação com o pensamento divino, graças à oração de recolhimento, inspiradora, abrem-lhe as portas da percepção, facilitando o intercâmbio seguro, do qual resultam efeitos bonançosos e edificantes para ele próprio como para os outros.

Cabe, desse modo, ao médium sincero, sobrepor, às influências do meio onde opera, as suas conquistas pessoais, gerando em sua volta uma psicofera positiva quão otimista, sob todos os aspectos própria à execução do compromisso a que se dedica.

Como não pode ele antever o meio no qual exercitará a mediunidade, cabe-lhe conduzir o seu clima psíquico favoravelmente ao evento, fornecendo os elementos hábeis para os resultados benéficos.

(Influência do meio e do médium, pp. 144 e 145.)